

O uso do divã em uma clínica-escola

The use of the couch in a school clinic

DOI:10.34119/bjhrv6n3-211

Recebimento dos originais: 25/04/2023

Aceitação para publicação: 29/05/2023

Sindy Ferreira Raiol Leal

Especialista em Avaliação Psicológica pela Dalmas, Pós-Graduanda em Psicologia Jurídica pela Faculdade Faveni

Instituição: Faculdade Faveni

Endereço: Tv. We Vinte e Oito, N°1062, Cidade Nova V. Ananindeua - PA, CEP: 6713-3110

E-mail: sindyleal15@gmail.com

Thalissa Wivianne Muniz da Silva

Pós-graduanda em Neuropsicologia

Instituição: Clínica no Serviço de Atendimento e Reabilitação (SABER)

Endereço: Tv. Monte Alegre, N°91, Cidade Velha, CEP: 66020-700

E-mail: thalissamuniz@gmail.com

Roseane Torres de Madeiro

Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA)

Instituição: Escola Superior da Amazônia (ESAMAZ) - Faculdade Integrada Brasil Amazônia (FIBRA)

Endereço: Aoinagés, N°808, Jurunas, CEP: 66045-110

E-mail: rose_madeiro@yahoo.com.br

RESUMO

O presente artigo se propõe, a partir de uma revisão bibliográfica, fomentar discussões e reflexões acerca das possibilidades de fazer uso de um divã em uma clínica-escola, considerando seus benefícios, a partir da teoria Freudiana, iniciando um debate sobre as possibilidades e dificuldades de seu emprego. O interesse partiu de análises dos casos clínicos relatados em supervisão, onde se indagou se a existência do divã facilitaria o processo de transferência e o aparecimento do inconsciente, pois estaria livre de olhares de julgamento. Além de apontar as possíveis vantagens de sua aplicabilidade, o presente estudo também busca analisar as dificuldades encontradas e pontos relevantes que poderiam tornar inviável seu uso, iniciando um debate sobre o assunto. Por fim, este artigo não pretende concluir o assunto e encerrar a discussão nele mesmo, mas sim proporcionar novos debates e estudos sobre o lugar do divã em espaços institucionais, organizações e nos mais diversos espaços terapêuticos.

Palavras-chave: divã, clínica-escola, psicanálise, transferência.

ABSTRACT

The present article proposes, based on a bibliographic review, to foster discussions and reflections about the possibilities of using a couch in a clinical school, considering its benefits from the Freudian theory, starting a debate about the possibilities and difficulties of its use. The interest came from the analysis of clinical cases reported during supervision, where it was asked whether the existence of a divan would facilitate the transference process and the appearance

of the unconscious, since it would be free from judgmental looks. Besides pointing out the possible advantages of its applicability, the present study also seeks to analyze the difficulties encountered and relevant points that could make its use unfeasible, starting a debate on the subject. Finally, this article does not intend to conclude the subject and end the discussion on itself, but to provide new debates and studies on the place of the couch in institutional spaces, organizations and in the most diverse therapeutic spaces.

Keywords: couch, clinic-school, psychoanalysis, transference.

1 INTRODUÇÃO

Nosso interesse pelo tema surgiu a partir de nossos atendimentos em uma clínica-escola de Psicologia que se utiliza da abordagem psicanalítica. Após iniciarmos as sessões com os sujeitos, nos deparamos com a dificuldade em fazer o inconsciente aparecer, além de certas resistências em falar sobre determinado assunto, levando-nos a indagar o que poderia ser feito para facilitar tal aparecimento. Partindo dessa experiência, o presente artigo tem como objetivo discutir o lugar de um divã em uma clínica-escola.

Os atendimentos ocorriam na Clínica-Escola da Escola Superior da Amazônia (ESAMAZ), a qual oferece atendimento psicológico sem custos para pessoas de baixa renda, ocorrendo semanalmente por alunos do nono e décimo semestre do curso de Psicologia. Para se inscrever, é necessário realizar um cadastro inicial presencial na clínica, em seguida os casos são distribuídos aos alunos pela psicóloga técnica de acordo com a disponibilidade dos mesmos. Após a distribuição dos casos, os estagiários fazem o primeiro contato e marca-se o atendimento.

É por meio da Clínica-Escola que se promove uma conexão profissional com a sociedade, proporcionando aos alunos a sensibilidade e responsabilidade social. Além disso, o aluno entra em contato com a prática clínica, aplicando seus conhecimentos teóricos adquiridos ao longo de sua formação, que por sua vez, é discutida em supervisão com um profissional da mesma base teórica, buscando aprimorar os conhecimentos e obter suas primeiras experiências e contato com a prática.

A Clínica-Escola é um espaço onde há discussão, construção do caso clínico e supervisão do mesmo. Sabe-se que os sujeitos procuram a clínica por estarem em grande sofrimento psíquico e buscam uma resposta. Os alunos, por sua vez, necessitam ouvir e lidar com essa demanda, ajudando-o a elaborar suas questões. Os estudantes também podem tirar suas dúvidas, pois ali é um lugar de pesquisa e de produção de novas formas de pensar (MARCOS, 2011).

Na Clínica-Escola, os alunos recebem supervisão sobre os seus casos, pois é o momento em que relatam os atendimentos, seu andamento e podem ser orientados sobre o rumo do tratamento. Tal supervisão demanda um referencial teórico, bem como chegar a um psicodiagnóstico, administrar o manejo da transferência e saber sobre o caminhar dos atendimentos. Outra característica da clínica são os atendimentos limitados no tempo, em um semestre letivo ou dois quando o aluno continua o próximo semestre atendendo. Nesse período podem-se produzir as entrevistas preliminares, questões do sofrimento do sujeito, do sintoma, o estabelecimento da transferência e hipótese de um diagnóstico (MARCOS, 2011).

Durante os meses de atendimento, é interessante que o aluno em formação se atente para os efeitos terapêuticos que as sessões geraram no sujeito, visto que se aposta que pela fala, ele consiga elaborar suas questões. A Clínica-Escola instiga vários questionamentos à Psicanálise, visto que, diferente de um consultório, nela há tempo limitado de sessões, não é solicitado retorno financeiro do paciente e o atendimento é sempre feito olho no olho. Questiona-se como a Psicanálise pode enfrentar demandas na qual a resposta da instituição engloba o tempo limitado e o olho no olho? (MARCOS, 2011).

Ressalta-se que o exercício da psicanálise nas clínicas-escolas determina como irá ocorrer o processo de intervenção clínica, é uma forma de atuação do psicólogo atravessado pela psicanálise. À vista disso, existem obstáculos, o de oportunizar ao estagiário uma experiência concreta e eficaz que possibilite a preparação das particularidades da clínica psicanalítica. Como também, garantir aos pacientes um acompanhamento psicológico capaz de elaborar efeitos analíticos (ANGELI & BONFIGLIO, 2017).

Portanto, quando há indagação a respeito da aplicação dos métodos da psicanálise nas clínicas - escolas envolve também, questionar o envolvimento do paciente no processo. Segundo Figueiredo (1997) a psicanálise pode apresentar-se em diversos aspectos, não estando restrita a clínica ou ao divã, entretanto não é suficiente apenas que se atenda nas clínicas-escolas a partir de uma escuta clínica. Depende de cada sujeito o interesse pela psicanálise. O estagiário pode realizar o acolhimento do paciente, escutá-lo, perceber um conflito e elaborar questões em conjunto, mas, o paciente pode manter-se na mesma posição subjetiva que chegou, sem se questionar sobre sua implicação na história e nas queixas que relata (FIGUEIREDO, 1997).

2 QUAL A FUNÇÃO DO DIVÃ EM UMA ANÁLISE?

No legado de Freud, o divã é um acessório datado à época da hipnose, do advento da psicanálise, costumeiro em um consultório de Psicanálise utilizado até hoje como utensílio indispensável para uma análise, possuindo grande importância na prática do psicanalista. Assim

como em um consultório tradicional, na Clínica-Escola o tratamento também se inicia pelas entrevistas preliminares, como recomendado por Freud. Entende-se esse momento como primordial por compor todo início de uma análise bem-sucedida, visto que é a primeira investigação de que aquele sujeito está habilitado e será aceito para a análise. É sabido que Freud acreditava que nem todo sujeito iria debruçar-se e aceitar a prática analítica, e, através das entrevistas preliminares, o analista pode ter o seu “período de experiência” com o possível analisando. (FREUD, 1913).

Após as entrevistas preliminares, o aluno já consegue investigar minimamente a estrutura clínica do sujeito, bem como a sua queixa inicial e se o mesmo tem demanda para o trabalho de uma análise, o analista precisará esperar o tempo para que a transferência se dê, assim como supor uma hipótese para a estrutura clínica do mesmo, e a partir daí, convidá-lo ou não a deitar-se no divã e iniciar o processo de análise (GARCIA; MARTINS, 2002).

Deitar no divã implica que o analisando deve seguir a associação livre, independentemente do conteúdo de sua fala. Nesse sentido, o cenário de uma análise conta com o analisando deitado no divã seguindo à associação livre, e logo atrás, o analista fora de seu campo de visão, realizando a atenção flutuante (GARCIA; MARTINS, 2002). O divã tem como finalidade diminuir as resistências, desacelerar a função de desconhecimento, apagando algo do imaginário do eu para fazer aparecer o discurso do Outro (QUINET, 2009). Freud em seu texto “Sobre O Início Do Tratamento” (1913) enumera a primeira importância do uso do divã: a possibilidade de não ser fitado pelos analisandos durante horas em um dia. Ele explica que, durante a escuta do sujeito, seu próprio inconsciente vem à tona, e teme causar alguma expressão fácil que o paciente entenda errado ou modifique o conteúdo que ele traga. Segundo ele, o divã impede que a transferência influencie a associação livre do sujeito.

Segundo Freud (1913), vários analisandos não lidam bem com a ideia de perder o olhar do analista em uma sessão, especialmente quando as neuroses de alguns necessitam do olho no olho. Tal posição os deixa ansiosos, mas ainda assim, deve ser insistida, pois o divã evita que a transferência se embaralhe, de forma inconsciente, com o discurso do sujeito. O divã possibilita certo isolamento da transferência, diminuindo as resistências na fala, favorecendo a associação livre. O analista, entretanto, deve estar atento as tentativas do analisando em burlar o uso do divã, pois os resistentes podem, tanto no início, quanto final da sessão iniciarem ou adentrarem em um assunto fora do divã que também deverá ser considerado.

Acredita-se que o motivo fundamental do divã na análise está diretamente ligado a transferência, no sentido de manejá-la. Portanto, “com o dispositivo de fazer o analisando

deitar-se no divã, apaga-se a imagem do outro, i(a), que representa a persona do analista, e I(A), o ideal do Outro, tenderá a ocupar seu lugar” (QUINET, 2009 p.40).

O divã também tem a função de reduzir o campo de visão do analista e do paciente, fazendo com que o olhar do inconsciente apareça para ambas às partes (CAMARGOS, 2008). Nasio (1995, p. 15) associa o olhar do inconsciente ao desaparecimento do ver que se tem fora do divã. O autor afirma que “é preciso que a visão dos rostos...seja especialmente excluída, para permitir que surja um olhar inconsciente”.

Em uma análise, é comum que o analisando veja a pessoa do analista como objeto de amor e de ódio. Ambos estão em uma relação constante de olhares, e sendo o olho uma zona erógena, o divã aparece como uma boa solução de passar do objeto olhar, para o objeto voz, a fim que este possa falar livremente sobre si (QUINET, 2009). Sabe-se que durante as entrevistas preliminares a relação analista e analisando é feita pelo olhar, já na análise, o movimento é diferente e passa a ser pela voz.

É esperado que o sujeito almeje deitar no divã quando sente vergonha de algum fato de sua história, ou pelas suas fantasias e desejos. Essa vergonha é decorrente do olhar do Outro sobre si e provém da transferência, sendo também uma característica da neurose, portanto, o deitar-se seria uma forma de evitá-lo. Nesse sentido, o divã facilita a perda da vergonha, para que o sujeito realize a associação livre (QUINET, 2009). Cada analisando terá sua forma única de deitar-se no divã pela primeira vez, e é importante ter isso em mente para não fazer desse evento, uma regra rígida para todos os casos. O divã, apesar do que possa parecer, não é lugar de dormir, sonhar ou relaxar, pelo contrário, é um lugar para se despertar, onde o sujeito falará sobre si, de seus desejos e seus desagradados, tal como afirma Quinet (2009, p. 47): “o divã é um leito de fazer amor — amor de transferência”.

Para Antônio (2011), na teoria lacaniana a análise só se inicia quando o analisando vai para o divã e tal acontecimento só pode se dar quando o sujeito compreende a técnica de interpretação psicanalítica e incorpora os modelos de significação. Entretanto, discordamos do referido autor, pois, acreditamos que, a análise se inicia quando o inconsciente opera independente do uso do divã, embora este facilite tal processo, mesmo nas entrevistas preliminares, o sujeito pode fazer o inconsciente aparecer. Diferente de outras vertentes da psicanálise, nessa teoria, não é o sujeito que escolhe o momento de passagem ou se quer se deitar ou não naquela sessão.

Antônio (2011) fez uma pesquisa e entrevistou alguns analistas sobre a importância do divã para eles. Todos relatam que o divã possibilita que o inconsciente apareça com mais

facilidade, além de que não ter o olhar do analista facilita a fala sem medo de julgamentos ou de qualquer expressão facial negativa.

Segundo Nasio (2003, p. 11), o divã é um acessório de grande utilidade tanto para o analisando, quanto para o analista. Para o analisando, ele tem como finalidade proporcionar um “estado de recolhimento”, favorável a experimentar o aparecimento de fantasias, memórias e afetos. No divã, o sujeito transforma a forma como vê a si mesmo e o mundo. Para o analista, assim como dito anteriormente por Freud, tem como objetivo evitar o olhar indagador lançado pelo sujeito, visto que, ao se preocupar com uma possível expressão facial, acaba por impossibilitar o seu próprio aparecimento e dificulta a escuta do analisando. Portanto, o divã serve como forma de facilitar a livre associação do sujeito e a própria escuta do analista.

3 O DIVÃ NA CLÍNICA-ESCOLA.

Diante do que foi discutido, podemos citar as vantagens e as desvantagens da possibilidade do uso de um divã em uma Clínica-Escola. As vantagens são que primeiramente, facilitaria a associação livre dos pacientes e a postura do aluno, que, por muitas vezes, precisa vigiar suas expressões faciais de acordo com o que é dito ou encarar um olhar questionador do sujeito, constantemente pedindo por uma resposta. O divã promoveria um ambiente mais acolhedor, onde o paciente, ao deitar-se, poderia falar de si mais à vontade, dando espaço para seus devaneios, sem medo de possíveis olhares de julgamentos e com a confiança de que ali poderia falar qualquer coisa. Tal ideia também é confirmada por Nasio (1999), que acredita que a passagem para o divã deve ocorrer quando o analista finalmente percebe que sua presença atrapalha o relato do paciente.

Outra vantagem refere-se ao divã facilitar o manejo da transferência por parte do aluno, pois, a quebra no contato olho no olho favorece que o paciente não suponha um olhar de julgamento ou comece a supor o que aquela expressão facial do aluno significa. Além disso, como já foi dito, o divã tem a finalidade de diminuir as resistências, possibilitando que o inconsciente apareça com mais facilidade. A resistência também pode aparecer como certa vergonha do paciente em relatar algum conteúdo embaraçoso ou falar sobre seu próprio desejo para o aluno mesmo com a transferência já estabelecida. A relação olho-no-olho pode dificultar a transmissão de algumas informações por conta disso, nesse sentido, o emprego do divã é de grande importância, pois possibilita tal quebra no olhar entre ambos, fazendo com que o paciente se sinta mais seguro e confiante em seu discurso.

O divã favorece a atenção flutuante do aluno, uma vez que, ao se desprender de uma constante vigilância de sua expressão, ele consegue ficar mais atento e não se prender em apenas

um conteúdo ou uma expressão. É possível que ele escute com mais liberdade e calma, podendo viajar em seus pensamentos, possibilitando que as antigas sessões com aquele sujeito venham à tona, a fim de recordar algum fato ou reconhecer alguma mudança em seu discurso. Além disso, o aluno não precisa mais se preocupar em fazer uma “cara de paisagem”, se preocupando constantemente em como o paciente o vê.

Para além da importância do uso do divã, um ponto crucial para um bom atendimento refere-se ao fato de que, apesar da importância de o aluno realizar sua análise pessoal para escutar um sujeito, isto não é considerado uma obrigação dentro da academia. Logo, muitos podem realizar os atendimentos deixando que suas próprias questões interfiram de alguma forma na escuta do sujeito, podendo causar desconfortos e até mesmo resistências ao mesmo. O aluno na posição de quem escuta enquanto um estagiário, ou um terapeuta aprendiz, ele não é um analista, nem mesmo em formação. O estágio em clínica psicanalítica em uma Clínica-Escola não visa a formação de analistas, mas sim de futuros psicólogos com base em uma clínica psicanalítica. Não é raro que algum aluno precise atender sujeitos em quadros depressivos, suicidas, ou qualquer outro assunto considerado “grave” ou que tenha relação com sua história de vida que o mobilize, portanto, ele precisa estar preparado minimamente para atender tais demandas e saber como manejar. Nesse sentido ressalta-se a importância da análise, pois se o aluno não se submeter à sua própria, muito possivelmente tais histórias o atravessarão de maneira avassaladora, prejudicando a si mesmo e o paciente.

Assim sendo, se faz necessário que o aluno saiba minimamente sobre si e seu inconsciente para tentar provocar alguma mudança no paciente e não deixar se abalar tanto pelo sofrimento psíquico do mesmo. Dessa forma, além de ter a oportunidade de elaborar suas próprias questões, o estagiário pode vivenciar na prática a forma como o divã favorece o aparecimento de certos assuntos, e conseqüentemente, o próprio inconsciente, de modo que, aquele que não iniciou sua análise, talvez sinta alguma dificuldade em utilizá-lo.

Outro ponto que podemos pensar na pouca pertinência no uso do divã relaciona-se ao fato de que os alunos entram em férias escolares no meio do ano por aproximadamente dois meses, sendo uma quebra considerável no rumo dos atendimentos. O sujeito começa a ser atendido entre fevereiro e março, logo, o aluno tem, cerca de dois meses para concluir as entrevistas preliminares e conduzi-lo ao divã. Entretanto, sabe-se que o tempo necessário para o término das entrevistas é indeterminado, pois varia de sujeito para sujeito, logo, o aluno pode ficar perdido sem saber se é melhor fazer a transição ou esperar o retorno dos atendimentos.

Para além do uso do divã, o maior objeto de trabalho em uma análise é o inconsciente, tanto do sujeito, quanto do analista. Neste caso, o inconsciente do sujeito e do aluno-estagiário.

Sabendo disso, Nasio (1999) afirma que quem deve dirigir o tratamento analítico é o analista, o qual trabalha ativamente para atingir seus objetivos. Portanto, podemos inferir que, independente da presença do divã, a pessoa do analista, sua direção e seu inconsciente irão nortear o atendimento.

De acordo com o que foi apresentado, consideramos o uso do divã em uma Clínica-Escola como complexo, uma vez que é necessário que a análise ocorra entre um analista e analisando e vimos que na Clínica-Escola há alunos em formação em psicologia, ou seja, não há uma formação de analista dos mesmos. Apesar das inúmeras vantagens, benefícios e pontos importantes sobre o uso do divã apresentados, a estrutura física e organizacional de uma Clínica-Escola geralmente não comporta tal objeto, visto que possui suas especificidades e características limitantes. Portanto, questiona-se se tal fato não seria inconveniente para o seu uso nesse ambiente. Porém, é certo que, conforme já defendido, o inconsciente pode aparecer independente do lugar, acessório e posição utilizada, através da associação livre e transferência com o analista. Independentemente do local onde se efetiva, é possível pensar no método psicanalítico. Se não fosse dessa forma, poderíamos desconsiderar uma análise online, na modalidade virtual, que tanto ganhou espaço na pandemia. A impossibilidade do encontro presencial, a ausência do divã e somente a abordagem olho no olho certamente propiciou o aparecimento do inconsciente e, mesmo com as dificuldades, a análise continuou. Cabe ressaltar que independentemente do local onde se efetiva, é possível pensar no método psicanalítico. Não temos a intenção de encerrar o assunto nesse trabalho ou chegar a uma conclusão definitiva. Pensamos serem relevantes novas discussões e debates sobre o assunto.

REFERÊNCIAS

- ANGELI, G. BONFIGLIO, S.U. **Desafios e possibilidade na Clínica Escola: alinhando teoria e prática.** Brusque: Ed. UNIFEBE, 2017.
- ANTONIO, M. C. A. **A Dimensão Terapêutica do Segredo. Reflexão antropológica sobre a psicanálise e a regulação dos afetos.** RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 10, n. 29, 2011.
- CAMARGOS, L. **A PSICANÁLISE DO OLHAR: do ver ao perder de vista nos sonhos, na pulsão escópica e na técnica psicanalítica.** Belo Horizonte, 2008.
- FIGUEIREDO, Ana Cristina. **Vastas confusões e atendimentos imperfeitos: a clínica psicanalítica no ambulatório público.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.
- FREUD, S. **Sobre O Início Do Tratamento (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I), XII.** 1913.
- GARCIA, S.R. MARTINS, F. **Lógica conversacional e técnica psicanalítica.** Àgora, vol. 5, nº 2. Rio de Janeiro, 2002.
- MARCOS, C. M. **Reflexões sobre a clínica-escola, a psicanálise e sua transmissão.** Psicologia Clínica, v. 23, n. 2, Rio de Janeiro, 2011.
- NASIO, J. D. **O olhar em Psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- NASIO, J. D. **Como trabalha um Psicanalista?** Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- QUINET, A. **As 4 + 1 condições da análise.** Rio de Janeiro. Zahar. 2009.